

FINANÇAS

LIGUE GRÁTIS 0800552527 FONTECINDAM

Déficit corrente mantém a tendência de queda

Fluxo negativo de divisas foi de US\$ 11,27 bilhões de janeiro a maio deste ano, 3,55% do PIB; em 12 meses, números ainda são piores

Mônica Izaguirre
de Brasília

Terminados os cinco primeiros meses do ano, o déficit em transações correntes acumulado pelo Brasil em 1998 manteve-se abaixo do verificado em igual período de 1997. A tendência de queda em relação a 1997, que já se observava no quadrimestre, foi mantida a despeito da piora ocorrida em maio passado ante maio do ano anterior.

O fluxo negativo de divisas gerado pelas transações comerciais, de serviços e transferências unilaterais foi de US\$ 11,276 bilhões — 3,55% do PIB — nesses cinco meses. No período de janeiro a maio de 1997, tinha sido de US\$ 12,371 bilhões — 3,83% do PIB.

No acumulado de 12 meses, porém, o déficit avançou ligeiramente, de US\$ 32,04 bilhões ou 4,01% do PIB, referente ao período terminado em abril, para US\$ 32,35 bilhões ou 4,05% do PIB, em maio. Isso ocorreu justamente porque o déficit mensal de maio de 1997 (US\$ 1,843 bilhões), que saiu do período considerado, foi menor que o de maio de 1998 (US\$ 2,153 bilhões).

Para o chefe do Departamento Econômico do Banco Central (Deppec), Altamir Lopes, a evolução do

déficit referente a 12 meses foi apenas um "saltinho", que não descaracteriza a tendência "consistente" de queda em relação a 1997. A expectativa é de que, fechado o ano de 1998, tenha-se um déficit inferior ao de 97, que chegou a 4,16% do PIB.

Altamir aposta que, além de acomodação dos gastos com serviços, haverá melhoria da balança comercial. Ele lembra que a conta de comércio apresentou déficits significativos mensais ao longo de 1997, o que não se espera repetir em 1998.

Na comparação de maio com maio, tanto o resultado das transações comerciais quanto o da conta de serviços foram piores em 1998, o mesmo ocorrendo com as transferências unilaterais. O fluxo negativo, nos dois primeiros casos, cresceu de US\$ 101 milhões para US\$ 333 milhões e de US\$ 1,923 bilhão para US\$ 1,969 bilhão. No caso das transferências unilaterais, houve redução do fluxo positivo, de US\$ 181 milhões para US\$ 149 milhões.

Quando tomados os primeiros cinco meses de cada ano, porém, verifica-se que, no acumulado, o déficit da balança comercial reduziu-se de US\$ 3,407 bilhões para US\$ 2,125 bilhões, graças, sobretudo, a um aumento de exportações.

A melhoria na conta de comércio foi o grande fator de redução do déficit em transações correntes, uma vez que o fluxo negativo da conta de serviços quase não se alterou (caiu só de US\$ 9,952 bilhões para US\$ 9,919 bilhões). O fluxo líquido positivo de transferências unilaterais, por sua vez, não contribuiu para a queda do déficit corrente, pois caiu de US\$ 988 milhões para US\$ 768 milhões. São considerados nessa conta, por exemplo, remessas feitas ao País por brasileiros que estão morando no exterior.

Dentro da conta de serviços, verificou-se um crescimento dos gas-

tos líquidos com juros, de US\$ 3,295 bilhões para US\$ 3,547 bilhões, em função do aumento das captações externas de recursos e, portanto, da dívida externa, explicou Altamir. Por outro lado, as despesas com viagens internacionais, que tinham apresentado crescimento em 1997, caíram de US\$ 1,690 bilhão para US\$ 1,520 bilhão ainda na comparação dos primeiros cinco meses de cada ano. Os gastos líquidos com transporte, onde entram fretes e passagens aéreas, também caíram, de US\$ 1,717 bilhão para US\$ 1,580 bilhão.

O País não teve dificuldades para

financiar o déficit em transações correntes nos primeiros cinco meses do ano, apesar da significativa fuga de capitais de curto prazo ocorrida no período (US\$ 5,721 bilhões). Outros capitais, como empréstimos de longo prazo e investimentos diretos, financiaram com folga o déficit corrente e também as amortizações de dívida externa do período, que chegaram a US\$ 7,282 bilhões (ante US\$ 5,183 bilhões).

Essa folga, refletida no superávit do balanço de pagamentos do período, foi de US\$ 20,608 bilhões. Até abril, estava maior, mas caiu com o aumento das saídas do dinheiro de curto prazo em maio.

Sozinhos, os investimentos estrangeiros diretos foram responsáveis por ingressos líquidos de US\$ 5,518 bilhões, dos quais US\$ 650

milhões para o processo de privatizações. Em igual período de 1997, para investimentos totais de US\$ 6,350 bilhões líquidos, as privatizações responderam por US\$ 1,163 bilhão.

O maior fluxo de investimentos não vinculados à compra de estatais "é o que nos faz crer que os investimentos diretos estrangeiros chegaram a US\$ 20 bilhões em 1998", disse Altamir Lopes.

Os investimentos em ações de empresas sediadas no País, feitos via bolsas de valores brasileiras ou mediante compra de Depositary Receipts (DR) no exterior, também geraram fluxo líquido positivo de divisas de US\$ 4,713 bilhões. O resultado foi inferior ao mesmo período de 97, que chegou a US\$ 5,670 bilhões.

Reservas internacionais no BC

(Em US\$ milhões)

Fim de período	Caixa ^{1/}		Liquidez internacional ^{2/}	
	Posição	Meses de importação de bens	Posição	Meses de importação de bens
1997 Jan	67.806	13	58.951	13
Fev	58.524	13	59.405	13
Mar	58.120	13	58.980	13
Abr	55.288	12	56.171	12
Mai	58.459	12	59.279	12
Jun	56.795	12	57.615	12
Jul	59.493	12	60.331	12
Ago	62.266	12	63.056	13
Set	61.161	12	61.931	12
Out	52.852	10	53.690	10
Nov	51.174	10	52.035	10
Dez	51.359	10	52.173	10
1998 Jan	52.479	10	53.103	10
Fev	57.417	11	58.782	12
Mar	87.772	13	68.594	13
Abr	73.849	18	74.856	15
Mai	71.951	14	72.826	14

Fonte: BC. 1/ Conceito operacional do Banco Central, contemplando haveres prontamente disponíveis.
2/ Agrega aos valores do conceito "caixa" os haveres representativos de títulos de exportação e outros haveres de médio e longo prazos

Investimentos estrangeiros diretos

(Líquido 1/ - em US\$ milhões)

Período	No mês	No ano	Em 12 meses	Invest. direto/ conta corrente no ano (%)
1997 Jan	956	956	10.235	
Fev	302	1.258	10.277	
Mar	1.662	2.919	11.433	43,5
Abr	1.573	4.493	12.485	
Mai	1.858	6.350	12.598	
Jun	1.097	7.447	12.566	50,1
Jul	1.417	8.864	13.399	
Ago	1.413	10.277	14.365	
Set	1.439	11.716	15.444	52,1
Out	2.428	14.144	16.951	
Nov	1.287	15.431	17.265	
Dez	1.654	17.085	17.085	51,1
1998 Jan	924	924	17.053	
Fev	1.238	2.162	17.989	
Mar	464	2.626	16.791	44,1
Abr	1.602	4.228	16.820	
Mai	1.290	5.518	16.253	

Fonte: BC. 1/ Inclui também operações em moeda nacional, mercadorias, conversões e reinvestimentos

Balanço de pagamentos

(Transações correntes - em US\$ milhões)

Discriminação	1997*			1998*	
	Mai	Jan-Mai	Ano	Mai	Jan-Mai
Balança comercial	-101	-3.407	-8.372	-333	-2.125
Exportações	4.658	19.943	52.986	4.609	21.083
Importações	4.759	23.350	61.358	4.942	23.208
Serviços (líquido)	-1.923	-9.952	-27.288	-1.969	-9.919
Juros	-547	-3.295	-10.390	-539	-3.547
Outros 1/	-1.376	-6.657	-16.899	-1.430	-6.372
Transferências unilaterais	181	988	2.216	149	768
Transações correntes	-1.843	-12.371	-33.445	-2.153	-11.276
Transações correntes/PIB (%)	-	-3,83	-4,16	-	-3,55

Fonte: BC. 1/ Inclui lucros reinvestidos. *Dados preliminares.

Saída em maio foi de US\$ 3,48 bilhões

Mônica Izaguirre*
de Brasília

Confirmando as expectativas do governo, houve uma fuga de capitais externos de curto prazo em maio, mês em que os mercados de diversas partes do mundo voltaram a ficar nervosos, desta vez por causa da Rússia. As saídas líquidas no mês foram próximas a US\$ 3,48 bilhões, mesmo depois de expurgado o efeito da migração de recursos dos Fundos de Investimento Financeiro (FIF) para os fundos de renda fixa destinados a estrangeiros.

Se o dinheiro externo que saiu dos FIF não tivesse migrado para esses fundos, a fuga teria chegado a US\$ 5,180 bilhões no mês e a US\$ 5,721 bilhões no acumulado do ano, segundo o BC.

A saída de capitais de curto prazo foi o principal fator de queda das reservas cambiais. Pela primeira vez, desde dezembro do ano passado, as reservas voltaram a cair, passando de US\$ 73,849 bilhões, nível de abril, para US\$ 71,951 bilhões, em maio, pelo conceito de caixa (haveres prontamente disponíveis). No conceito de liquidez internacional, que agrega haveres de médio e longo prazo, o saldo caiu de US\$ 74,656 bilhões para US\$ 72,826 bilhões. O BC não informa o nível exato em que estão as reservas agora em junho. Mas o diretor de Assuntos Internacionais, Demóthenes de Pinho Neto, antecipou ontem que está havendo queda novamente. Segundo ele, o saldo atualmente está "um pouco abaixo" do verificado no final de maio.

O mesmo diretor já havia dito em

Aumenta o prazo de captação

O setor privado conseguiu, em maio, captar recursos externos a prazos mais longos do que os verificados no primeiro trimestre do ano em suas emissões de títulos no mercado internacional. O prazo médio subiu de 7,6 para 8,4 anos nos lançamentos de papéis feitos, por exemplo, por empresas não-financeiras. Em contrapartida, foram exigidos juros mais altos.

"O custo foi puxado pelo alongamento de prazos", afirmou o chefe do Departamento Econômico do Banco Central (Depec), Altamir Lopes, ao divulgar o levantamento. Segundo ele, no mercado internacional, normalmente é mais caro tomar recursos a prazos mais longos. Em 62 lançamentos de papéis externos feitos pelo setor privado não-financeiro durante o primeiro trimestre de 1998, os juros

médios foram de 10,56% ao ano, o que representou um "spread" de 497 pontos básicos em relação aos papéis públicos norte-americanos de prazo similar. Em maio, houve 27 lançamentos, a juros médios de 12,43% ao ano e "spread" de 683 pontos básicos.

Embora os custos estejam mais altos, os prazos médios ainda não voltaram ao patamar do último trimestre de 1997, que foi em boa parte influenciado pelo mês de outubro, somente ao final do qual veio a crise da Ásia. Naquele trimestre, o setor privado não-financeiro conseguiu colocar papéis a um prazo médio de 8,9 anos e custo de 10,58% ao ano, com "spread" de 474 pontos básicos sobre os "Treasury" americanos.

O alongamento de prazos em maio, relativamente ao primeiro

trimestre de 1998, também foi observado nas colocações de papéis pelos bancos no mercado internacional. O prazo médio, nesse caso, subiu de 3,9 para 5,9 anos.

Diferente do que ocorreu com o setor não-financeiro, esse alongamento não foi acompanhado de elevação de taxas. Os juros médios das emissões feitas pelos bancos até caíram ligeiramente, de 9,99% para 9,47% anuais. O custo relativo também caiu, pois o "spread" sobre os papéis públicos americanos recuou de 461 para 387 pontos básicos. Na comparação com o último trimestre de 1997, as condições de juros não melhoraram, pois, nas colocações feitas naquele período, os bancos assumiram em média taxas de 9,25% ao ano e "spread" de 334 pontos básicos.

(M.I.)

outra ocasião que as reservas estavam muito acima do nível considerado mais do que satisfatório para garantir a estabilidade do Real. Por isso, a fuga de capitais de curto prazo não preocupa a autoridade monetária, sobretudo porque há, em contrapartida, ingressos de capitais mais perenes, como investimentos diretos e empréstimos de longo prazo. Em maio, ingressaram, por exemplo, US\$ 1,290 bilhão de investimentos diretos, liquidamente, e outros US\$ 504 milhões de aplica-

ções em portfólio, consideradas como tal só os investimentos nas bolsas de valores brasileiras e em Depository Receipts (DR) representativos de ações de empresas sediadas no País. Nas bolsas especificamente, houve saída de dinheiro estrangeiro, de US\$ 71 milhões, segundo o BC. Mas isso foi compensado por ingressos de US\$ 575 milhões em DR.

Em junho, dados parciais até o dia 16 indicam que já ingressaram liquidamente mais US\$ 754 milhões em

investimentos diretos e outros US\$ 80 milhões em portfólio, informa o Depec. Os empréstimos superiores a um ano, classificados como de médio e longo prazo, responderam por ingressos brutos de US\$ 1,960 bilhão em maio e teriam gerado um novo fluxo de US\$ 1,612 bilhão nos primeiros 16 dias de junho. O BC considera capitais de curto prazo os créditos de prazo inferior a um ano, como os captados no âmbito da "63 Rural", e as disponibilidades financeiras ingressadas via contas CC5 (contas mantidas por não-residentes na rede bancária doméstica).

Os pagamentos da "63 Rural" responderam apenas por US\$ 22 milhões de saídas em maio. Em julho, agosto e setembro, segundo o Departamento Econômico do Banco Central, estarão vencendo US\$ 5,5 bilhões em créditos dessa modalidade, o que pode causar nova fuga de capitais de curto prazo. O BC aposta que estas linhas serão renovadas e muito provavelmente alongadas.

O chefe do Depec não chegou a dar números, mas disse acreditar que boa parte das saídas de curto prazo apontadas no balanço de pagamentos de maio sejam, na verdade, alongamento de operações de crédito ao comércio exterior. Ou seja, substituição de dinheiro de curto prazo, por dinheiro mais longo.

(Colaborou Patrícia Gomes, do InvestNews)

Pagamentos do BMD e do BBC começam hoje

Clientes podem sacar até R\$ 20 mil por CPF

Luciana Del Caro
de São Paulo

Começa hoje o pagamento de parte dos recursos dos clientes do Banco Mercantil de Descontos (BMD) e do Banco Brasileiro Comercial (BBC). Os correntistas das duas instituições poderão sacar até R\$ 20 mil, por CPF, de depósitos à vista, a prazo (CDB e RDB) e da caderneta de poupança. São essas as aplicações seguradas pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC), que assegura que clientes de bancos liquidados recebam pelo menos uma parcela de seus recursos.

O pagamento aos clientes do BBC será efetuado em determinadas agências do Bradesco, e não da Caixa Econômica Federal, como havia sido anteriormente divulgado pelo Banco Central (BC). Já os correntistas do BMD deverão dirigir-se a algumas agências do Banco do Brasil. Nos dois casos, é necessário levar o CPF e a carteira de identidade para poder sacar os recursos. A relação

das agências autorizadas a pagar está em editais publicados pelo BC.

A liquidação dos dois bancos foi anunciada em 15 de maio e, desde então, os correntistas que têm mais de R\$ 20 mil aplicados aguardam ansiosamente por uma solução.

A que parece mais próxima, a se julgar pelos comentários de profissionais do mercado e do próprio BC, é a do BMD. Na última quarta-feira, o diretor de fiscalização do BC, Claudio Mauch, afirmou que espera encontrar uma solução para o banco até hoje. A venda da instituição está sendo negociada.

No entanto, o principal empecilho para a venda estaria nas exigências feitas pela família Fakhouri, controladora da instituição, segundo um profissional do mercado. O BMD tem 33 agências concentradas em São Paulo e, como atrativo, uma clientela de alto poder de compra. Pesa contra o banco um passivo a descoberto, estimado pelo mercado em R\$ 50 milhões.

Banco Sudameris vai ampliar capital em 55%

Maria Christina Carvalho
de São Paulo

O Banco Sudameris vai fazer um aumento de capital de 55%, que implicará a captação de R\$ 250 milhões com a emissão pública de ações ordinárias e preferenciais. O reforço de capital decidido ontem pelo conselho de administração do banco tem por objetivo concretizar a compra do Banco América do Sul pelo Sudameris e reforçar o capital dos dois bancos.

O Sudameris assinou um acordo no início de abril com os controladores do América do Sul para adquirir a instituição. A intenção era concluir a "due dilligence" e fechar o negócio em 40 dias mas até agora nenhuma conclusão foi divulgada. A assessoria de imprensa do Sudameris informou ontem não ter informações a respeito desse fato nem do aumento de capital.

A proposta de capitalização foi comunicada à Bovespa com o escla-

recimento de que a aquisição deverá ser feita pela distribuidora do Sudameris. Com a aquisição, o Sudameris deverá tornar-se o maior banco estrangeiro com ativos totais acima de R\$ 13 bilhões.

Mas, antes disso, precisa reforçar seu capital para inclusive capitalizar o América do Sul. O Sudameris fez dois aumentos de capital no ano passado para ajustar-se às regras da Basileia. O primeiro foi de R\$ 125 milhões e realizado em março; o segundo, de R\$ 17,5 milhões, foi feito com a incorporação de parte do lucro do primeiro semestre.

As duas injeções levaram o capital para R\$ 455,5 milhões no final do ano. Mas, como o BC ampliou o limite de capital para 10% dos ativos ponderados pelo risco, o banco continuou perto do mínimo exigido. O Sudameris é controlado pelo Sudameris francês, que possui 61,9% do capital e, por sua vez, pertence à Banca Commerciale Italiana.

BankBoston financia consórcio

Grupo de empresas na privatização do Sistema Telebrás

Paula de Santis
de São Paulo

O BankBoston está assessorando e financiando um consórcio — que mistura empresas nacionais e internacionais — interessado na privatização da Telebrás. O financiamento também está sendo feito, individualmente, para uma das empresas que compõem a sociedade, informou o vice-presidente executivo do banco, Ricardo Gallo. A única dica em relação ao interesse do consórcio é de que a companhia que pretende adquirir não é a Embratel.

Segundo ele, a instabilidade do cenário externo e as incertezas internas em relação à política econômica do próximo governo não vão reduzir o interesse pelas empresas de telecomunicações. "O que vai haver é uma disponibilidade para pagar menos", disse. Adiar a privatização seria uma alternativa para o problema se fosse possível ter certeza do cenário econômico daqui seis meses. "A venda das empresas separadas também seria uma opção, já que haveria necessidade de levantar menos capital de uma só vez", falou Gallo.

A vantagem é que o governo exige pagamento à vista de 40% do preço e financia o restante por dois anos.

A segunda fase da crise asiática — que vem balançando os mercados russo, chinês e japonês, entre outros — é uma das principais responsáveis não só pela realocação de recursos investidos nos países emergentes, como também na redução do peso desses mercados nos portfólios. Segundo Gallo, os acionistas de fundos de investimento externos estão exigindo menor exposição ao risco desses países.